

BROSETA

PERGUNTA



PEDRO DE NORONHA PISSARRA

Chief Executive Officer da Chrysea Labs



BROSETA - PORTUGAL,
SOCIEDADE DE ADVOGADOS, SP, RL

Os últimos 24 meses, marcados por uma grave pandemia global que ainda não está totalmente resolvida, provaram, mais uma vez, a absoluta importância da Ciência no dia a dia de todos nós. Como explicar as reações negacionistas em relação ao saber e conhecimento científico que se verificaram ao longo de todo este processo?

É um tema complexo. Negacionismo é escolher negar uma realidade cientificamente bem demonstrada. O negacionismo, assim como tantas outras ideologias que abundam na nossa sociedade, com toda as suas cargas de obscurantismo, arrogância e ignorância, têm a tendência de negar aquilo que é cientificamente demonstrável apenas como estratégia de escapar a uma realidade incômoda ou inconveniente para um indivíduo, um grupo de pessoas ou um sector da sociedade, incluindo sem exceção, governos. Em relação à pandemia, a instrumentalização da confiança da sociedade na ciência como forma de justificar medidas políticas, na minha opinião, feriu a confiança das pessoas. Quando a ciência não tem resposta, deve dizer-se “não sabemos”, e justificar as medidas propostas pelos políticos em termos de risco, relação custo-benefício, matérias frequentemente tratadas por via de ciências sociais.

Procurar fundamentar medidas políticas com argumentos pseudocientíficos, como se a medida fosse a demonstração de leis da física, é um oportunismo irresponsável que procura eximir de responsabilidades os políticos. Infelizmente, isso verificou-se muito durante a pandemia, como se fosse possível negar o que nem sequer era entendível, o que é uma verdadeira contradição. A curva do negacionismo foi morrendo lentamente à medida que o conhecimento avançou, as mortes diminuíram e a sociedade caminhou no sentido da normalização. Depois veio a guerra na Ucrânia e parece que a pandemia morreu... Infelizmente, vivemos numa sociedade onde toda a gente quer ter uma opinião e partilhá-la numa rede social qualquer. A partilha de opinião sobre temas muito especializados, e sobre os quais não se tem um conhecimento profundo e sério, pode ser perigosa. A Covid-19 foi mais uma demonstração disso e a todos os níveis. Veio mostrar a fragilidade das ideologias e implementação de políticas sem fundamento técnico realçando a importância da ciência e do conhecimento científico para a sociedade.

A Ciência é uma disciplina de conhecimento e saber, mas também um setor de negócio cheio de vitalidade e potencialidades. Enquanto CEO de uma empresa como a Chrysea Limited, como se alcança o difícil equilíbrio entre a constante procura e investigação de novas soluções na área da saúde e as naturais e legítimas expectativas de criação de valor e dividendos?

Sim, a Ciência é isso mesmo. Várias disciplinas cheias de conhecimento e saber. Mas a Biotecnologia é uma indústria, não é uma ciência, e, como tal, é altamente multidisciplinar ao integrar as várias disciplinas. Eu trabalho em biotecnologia. A biotecnologia é mais próxima do conceito de Inovação, que é transformar a ciência em bens e serviços transacionáveis. É claro que a excelência científica, o conhecimento e o saber são a base da cadeia de valor do processo de inovação. É onde tudo começa.



A meu ver, esse conhecimento académico tem sempre de ser visto do ponto de vista utilitário, ou seja, tem de ser transformado em produtos úteis para a sociedade. Aqui é preponderante o papel das empresas que necessitam de ter pessoas experientes e conhecedoras da cadeia de valor da inovação, equipas multidisciplinares e dimensão financeira para executar os planos de desenvolvimento que permitem os produtos chegarem ao mercado e assim rentabilizar o investimento feito. As empresas são quem coloca essa ciência no mercado, logo geram dividendos e repetem o ciclo. Mas a equação é bem mais complexa assim como é o equilíbrio entre todos os fatores externos à componente meramente científica. Eu trabalho há 25 anos na indústria da biotecnologia e a minha equipa desenvolveu projetos nos EUA, no Reino Unido, na África do Sul, em vários países da Europa, na Austrália e no Japão. Começámos em Portugal e expandimo-nos para os EUA e Reino Unido. O que vi pelo mundo fora, e o que nos atraiu na procura de mais oportunidades de negócio em países com uma indústria mais madura, foi a existência de polos sectoriais bem organizados, que faltavam em Portugal, embora hoje as coisas sejam diferentes. Nestes polos, ou centros de conhecimento, como gosto de os classificar, o conhecimento é geralmente gerado em ambiente universitário. Integrado nestes polos, vem a disponibilização de infraestruturas laboratoriais para as empresas poderem crescer. A afluência de recursos humanos e capital intelectual experientes a estes sítios é grande e existe uma guerra aberta para atração de talento, mas também para a retenção do mesmo, pois a competição dinamiza o crescimento.

Finalmente, vale a pena olhar para os fatores diferenciadores de hoje em dia. Ao longo dos anos vários países foram investindo em políticas de atração de investimento muito sofisticadas e onde os instrumentos fiscais imperam e fazem a diferença. O tema da competitividade fiscal tornou-se hoje em dia o tópico principal numa discussão sobre onde localizar uma empresa. Concluindo, o ciclo começa na ciência ou na tecnologia, mas a construção de valor e a exploração da sua utilidade é um ciclo integrado que vai desde a academia à competitividade fiscal de um país.

A Chrysea centra a sua atividade no estudo, investigação e criação de soluções que potenciam o chamado envelhecimento saudável: que tipo de desafios foram lançados à comunidade científica internacional com o aumento da esperança de vida a nível global, fenómeno diretamente relacionado com os avanços na medicina alcançados nas últimas décadas, e com a adoção de estilos de vida mais saudáveis por parte das novas gerações?

A comunidade científica é auto desafiada devido à constante procura do entendimento dos factos. O que tenho visto nos últimos 20 anos é que os ciclos de inovação são incrementais e interligados. Os vários campos científicos vão-se desenvolvendo e os fatores externos, tais como a recente pandemia, aguçam e aceleram o desenvolvimento. O velho moto originado durante a revolução industrial – “a necessidade aguça o engenho” – é cada vez mais patente. Com a quantidade de ferramentas existentes, os campos científicos hoje são altamente multidisciplinares. Tecnologias disruptivas, como a biologia sintética, a inteligência artificial, a computação quântica e paralela, a genómica e proteómica, a edição de genomas, entre muitíssimas outras, integram-se como ferramentas com o propósito de acelerar os ciclos de desenvolvimento dos produtos e serviços inovadores virtualmente em todos os campos, do cancro à demência. A Humanidade começa a perceber que, em grande parte dos casos, não somos nós que morremos abrupta e repentinamente, mas, regra geral, matamo-nos através de hábitos ou ações que aceleram o processo do envelhecimento e aparecimento de doenças associadas. Coloca-se assim a possibilidade de existir uma gestão do envelhecimento de modo a ter uma maior qualidade de vida nos últimos anos das nossas vidas.

O entendimento dos mecanismos do envelhecimento celular e o que os ativa estão a começar a ser conhecidos e classificados e, como seria de esperar, a despertar interesse na comunidade científica. Por exemplo, a inflamação e a oxidação provocam estragos celulares que contribuem para o envelhecimento do organismo. Exposições a toxinas e poluentes, hábitos de vida pouco saudáveis como tabagismo, álcool em excesso, drogas, *stress*, sedentarismo e falta de exercício, têm como resultado frequente o desenvolvimento de doenças em idade mais precoce do que as esperada e são como tal doenças associadas ao envelhecimento, muitas vezes intratáveis ou debilitantes. Diabetes, cancro e demências sendo alguns exemplos. Envelhecemos através de um processo metabólico ativo chamado senescência e está relacionado com o facto das células do corpo irem morrendo e não serem substituídas por novas como acontece na juventude.

Nos últimos anos, houve avanços disruptivos sobre o entendimento destes vários mecanismos. Mais do que nunca o entendimento da relação causa-efeito entre vários fatores e o envelhecimento humano avança todos os dias a passos largos. Pessoalmente não acredito na vida eterna ou que o envelhecimento seja uma doença. Acredito que vamos gerindo o processo de envelhecimento evitando as doenças derivadas do mesmo. Não acredito que exista uma pastilha ou um tratamento “mágico”.

A meu ver, a gestão do processo do envelhecimento é feita de uma forma holística e integrando várias vertentes, desde o ambiente em que vivemos, a maneira como cuidamos do nosso corpo e mantemos a sua saúde, em termos de mobilidade e metabolismo, do nosso comportamento alimentar e suplementação adequada e, por último, e igualmente importante, da nossa saúde mental. Apesar dos avanços todos da ciência, que nos ajudam a entender as causas do envelhecimento e vão contribuindo para o aparecimento de intervenções adequadas à gestão do processo de envelhecimento, um estilo de vida saudável e ativo, exercício físico regular e interação social, associado à preocupação em cuidar da nossa saúde mental, continuam ao dia de hoje a ser a melhor ‘ciência’ para um envelhecimento saudável.

